

# A CABAÇA

PELO

Dr. EUGENJUSZ FRANKOWSKI

Prof. da Universidade de Poznan (Polónia)

Sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

---

PLANO DO TRABALHO:—Prólogo — 1; Característica botânica — 1; Distribuição geográfica — 2; A forma do fruto — 3; A utilização — 4; Na alimentação — 4; Vasilhas naturais — 4; Formação artificial da cabaça — 5; O acabamento técnico das vasilhas — 6; A ornamentação — 6; A pintura — 6; O « batik » — 6; A entalhação — 6; A gravura a fogo — 6; A incrustação — 6; O encordamento — 7; Os motivos da ornamentação — 7; A influência da forma das vasilhas de cabaça sobre as das vasilhas de argila, madeira e metal — 7; Instrumentos de música de cabaça — 8; Idiofones — 8; Membramofones — 9; Cordofones — 9; Aerofones — 12; Vestuário de cabaça — 15; Máscaras — 15; Utilização ritual da cabaça — 16; Epílogo — 16.

PRÓLOGO. — Durante os últimos oito anos logrei estudar o material etnográfico, que se refere à cabaça, acumulado em museus da Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Bulgária, Jugoslávia, Egito, Grécia, Itália, Espanha, Portugal e Polónia. Mais de quatro mil desenhos, feitos por mim, me permitem demonstrar monograficamente a diversa utilização da cabaça. O comunicado presente é o resumo duma obra mais ampla.

A CARACTERÍSTICA BOTANICA. — Na história da cultura humana tem um papel importantíssimo as plantas cujo fruto é de casca dura e de bastante volume interno. A estas plantas, em pri-

meiro lugar, pertence a *Lagenaria vulgaris* Ser. Esta pertence à família *Cucurbitaceae*. É uma planta herbácea, anual. Tem caule anguloso de vários metros de comprimento.

O fruto é de várias formas e tamanho. A casca é dura, primeiramente esverdeada, depois esbranquiçada e finalmente amarelada.

É conhecida principalmente sob o nome de: *cabaça*, *calebassa*, *curbis*, *gourd*, *tykwa* e outros. Possui, além disso, ainda dezenas de nomes dados pelos diversos povos.

Além dela, frutos semelhantes fornece a árvore *Crescentia cuyete*, pertencente à família de *Bignoniaceae*. *C. cuyete*, chamada em alemão *Calebassenbaum*, em francês *calebassier*, é originária da Índia Ocidental. Muito comum no sul do México, Flórida, Antilhas, istmo do Panamá, costa de Pacífico da América central e do sul. Esta árvore alcança 10 metros de altura e 20 cm. de diâmetro. Tem o fruto geralmente oval, de 15 a 30 cm. de comprimento. A casca dura faz lembrar muito o fruto da *Lagenaria vulgaris*. Não alcança, porém, o tamanho desta e não tem tanta variedade de formas.

Os nomes populares são em muitas partes parecidos com os nomes dados a *Lagenaria vulgaris*. Há relativamente pouco tempo que de sua pátria passou para a África.

Frutos semelhantes fornece a *Adansonia digitata* (Baobab), natural da África, Madagascar e Austrália septentrional. Esta é gigante, alcançando 18 metros de altura e 9 m. de circunferência. Os seus frutos, em forma de pepino, de casca dura, são usados em lugar da cabaça para fazer as vasilhas e também como boias de rêdes.

Ainda é preciso mencionar o coqueiro. Coqueiro é uma palmeira de países tropicais. O seu fruto é do tamanho dum melão pequeno. Com a casca exterior, muito dura, se fabrica toda a classe de vasilhas.

Nenhum destes frutos pode igualar o da *Lagenaria vulgaris* pela sua difusão e larga utilização.

A DIFUSÃO DA «LAGENARIA VULGARIS». — A pátria da *Lagenaria vulgaris* parece ser a Ásia meridional e a África subtropical. Hoje, ainda se encontra a *Lagenaria v.* crescendo selvagem nas florestas húmidas do Malabar. Assim também em estado selvagem cresce nas Molucas, em Abissínia e na África Oriental, em regiões pedregosas. Foi conhecida na América antes da chegada de Europeus. Testemunham isto notícias de vários autores espanhóis e portugueses, como também os dados da linguística. Naudin supõe que esta planta podia chegar à América com os navios perdidos ou as correntes oceânicas. Em todo o caso, não se pode dizer que a sua procedência natural seja a América.

Na América do Norte a sua cultura começou muito mais tarde do que na do Sul.

As vasilhas do fruto da *Lagenaria vulgaris* foram de uso comum de antigos Peruanos e, muitas vezes, foram achadas em túmulos destes.

Agora é cultivada em todos os países de clima quente do mundo, onde se encontra muitas vezes já semiselvagem.

Já em sanscrito se distinguem as formas cultivadas *alabu* das selvagens *kututumbiou katutumbi*. No Egito foi cultivada comumente já 2.400 anos antes de Jesus Cristo. Provam isto muitas cabaças achadas em sepulcros.

Segundo o botânico Engler, *Lagenaria vulgaris*, Ser., é conhecida na região de trânsito de Macronésia, na região de desertos da África do Norte, na Índia, nas regiões africanas de florestas e campos, na província florestal de Oeste da África, nas províncias de campos sul e leste africanos, na região de Madagascar, na região da Índia Oriental, na região de Mansum; em Java está cultivada até 2.000 metros acima do nível do mar, não apare-

cendo porém em estado selvagem, nem semiselvagem; na província australomalaia, na Austrália setentrional, na província papua, na Nova Guiné, na terra do Kaiser Guilherme, na nova Mecklemburgo, Carolinas de este, Ponapé, nas Marianas, Guam, na província polinésica, na Tahiti e nas Ilhas do Cook; na região de xerófitas do Mediterrâneo, em Texas, na América subtropical, na província subtropical da América central no México, Guatemala, na província da Índia Ocidental, no Bahama, Cuba, Pôrto Rico, Jamaica, Haiti, Saint Thomaz, Saint Croix, Antigua, Guadalupe, Martinica, S. Vicente, Barbados; na província subequatorial dos Andes, em Nicarágua, Costa Rica, Colômbia, Bolívia; na província cisequatorial das savanas, na Guiana francesa e Trindade; na província sul brasileira no Brasil e Paraguay; na região dos Andes em Chile. Cultiva-se em tôda a região do Mediterrâneo. Na Europa central a sua cultura alcança a fronteira do sul da Polónia.

Estrictamente amadurece ainda mais ao norte até o grau 52, mas o fruto maduro não tem já a casca dura e não se presta para ser trabalhado.

*Lagenaria vulgaris* exige para o seu desenvolvimento normal a temperatura média acima de 10 graus durante quatro meses no ano, bastante humidade e terra fértil.

A FORMA DO FRUTO.—As formas do fruto de *Lagenaria vulgaris* são muito variadas. Em geral distingue-se a cabaça dos peregrinos, cabaça chata, cabaça-maçã e cabaça-garrafa. Diversas formas de cabaça foram conhecidas e distinguidas por muitos botânicos antecessores de Lineu, como, por exemplo, Dodonaeus, Bauhin e outros. Lamarck distingue três formas: cabaça dos peregrinos, cabaça comum e cabaça-tromba. Seringe conhece cinco formas de fruto.

Naudin conta nove espécies, em que considera não só a forma

do fruto, como também a da semente. Estas são: 1) *Grande calabasse d'Afrique*, levemente mais apertada no meio, de casca dura e com espessura de 6 a 8 mm.; 2) *Gourde pelerine, gourde bouteille*, muito apertada no meio, usada no sul da França como garrafa para o vinho; 3) *Congourde*, parecida com a anterior, a não ser na parte inferior em que em vez duma base larga, apresenta uma ponta em forma de pêssoa; 4) *Gourde maque, gourde trompette*, alongada, cilíndrica, alcança o comprimento de 1,50 m. Esplêndidos exemplares de Tyrol se acham no Museu de Lübeck. Nos exemplares dos arredores de Piza, cabem até 30 litros de água; 5) *Gourde Hahre-Hawam*. Forma de ovo, tamanho dum melão médio, cor verde clara-esbranquiçada. A casca não é mui dura. Procedente de Cairo. No Egipto é, parece, cultivada como legume; 6) *Gourde plate de Corse*, muito achatada, muitas vezes em forma duma tangerina comprimida, raramente esférica. Exemplares pequenos e chatos, são usados como caixas de rapé; 6) *Petite gourde du Brésil*, de 8 a 10 cent. de comprimento, apertada no meio. Casca muito forte; 8) *Petite gourde de Guiné*, em forma da *gourde pelerine*, mais pequena, até 8 cent.; 9) Formas selvagens, pouco conhecidas, distintas pelo amargor do fruto e ligadas a êste propriedades venenosas.

Tôdas estas classificações tem somente importância relativa, pois tôdas se baseiam unicamente em certa quantidade de formas conhecidas.

A UTILIZAÇÃO DO FRUTO.—A *Lagenaria v.* é cultivada principalmente por causa da casca do fruto, pois fornece prontas e sólidas vasilhas.

NA ALIMENTAÇÃO.—Algumas espécies de fruto prestam-se para alimento, principalmente exemplares novos. A essas pertencem as cabaças da África oriental, chamadas *munguni*. Mas só

algumas espécies são gostosas e aproveitadas, sós ou como condimentos de outras iguarias.

AS VASILHAS. — O principal interesse para o homem está na casca do fruto. As vasilhas de cabaça são fortes, duráveis, leves e de diversas formas e tamanhos. Um simples corte no vértice e a remoção do conteúdo transformam o fruto em vasilha. Qualquer corte pelo plano de eixo vertical ou horizontal fornece uma porção de formas novas. A cabaça dos peregrinos, servindo vulgarmente como reservatório para líquidos, recebe o corte horizontal no vértice do fruto. A cabaça chata, cortada horizontalmente, fornece tigelas, pratos e peneiras. Às vezes ambas as partes estão ligadas por meio de cordas, com os bordos dentados para que fechem melhor, formando dêste modo um novo grupo de vasilhas-caixas.

Um furo na cabaça chata no plano vertical transforma-a em vasilha chata-cantil. As cabaças-maças cortadas na sua base fornecem as vasilhas para viagem. Cortadas em ambas as pontas usam-se para o fabrico de instrumentos de música. A cabaça-garrafa com os cortes acima mencionados, é transformada em vasilhas para líquido, mas tem ainda muitos e variados destinos. O corte pelo eixo principal do fruto forma as colheres, chegado mais para a beira fornece conchas. O corte horizontal, na parte de baixo, forma os copos para bebidas, à maneira dos chifres de animais. Os cortes em ambas as extremidades fornecem sifões, funis, etc.

Combinados os cortes no vértice e oblíquos laterais nas cabaças de peregrinos, fornecem as vasilhas para cachimbos do tipo *narguilé*. Estes cachimbos são largamente difundidos na África central, como também na Ásia, no Turquestão.

Conservam a forma de cabaça em tôda a região, onde aparecem os narguilés feitos em argila, porcelana e metais.

Uma atenção especialíssima merecem as argolas-suportes, cortadas de grandes cabaças. Servem elas como suportes para as cabaças, que não podem ser postas em pé sem apoio. Estas argolas são frequentemente ornadas com cortes e furos que as atravessam. Modelados depois em argila, apareciam em tempos pre-históricos na grande região de difusão e influência de cabaça. Algumas zonas criaram tipos próprios de vasilhas de cabaça, que tem somente difusão local. Mencionemos aqui as cabaças para o pó de cal, para betel na Oceânia, e cuias para herba mate na América do sul.

Os Bubis em Fernando Pó usam as cabaças como portemonés. Estas cabaças tem de lado umas janelinhas para abrir. Os Sérvios fazem de cabaça as baínhas para as pedras de afiar os gadanhos.

Vulgarmente são usadas as cabaças como boias para rêdes de pesca.

No sul da África a cabaça, com pequenos furos no pescoço, é usada pelas negras casadas como irrigador. Também se usa como vasilha para clisteres e aplicação de remédios *per anum*.

MODELAÇÃO ARTIFICIAL DA CABAÇA. — Além do corte comum com o fim de fazer da cabaça uma vasilha, o homem recorre também à modelação artificial do fruto. Suspendendo êste e eliminando assim a pressão local, podem-se obter os exemplares de formas impecavelmente harmoniosas. Suspendendo um pêso amarrado ao fruto novo, podemos obter notável alongamento do gargalo. Amarrando êste com uma corda obtemos mais acentuado tipo de cabaça dos peregrinos. Efectuando mais algumas ataduras assim, longitudinais e transversais, obtemos na fruta madura uma divisão em gomos salientes da sua parte esferoidal. De igual modo podemos obter um achatamento artificial.

Na China e no Turquestão fabricam as formas ornamentais

de vasilhas, introduzindo o fruto novo dentro dum molde fechado-esculpido. O fruto, crescendo, enche todo o interior do molde e recebe a sua forma nos mínimos detalhes.

O ACABAMENTO TÉCNICO DE VASILHAS. — As vasilhas de cabaça possuem um fundo esférico, oval, ou, às vezes em forma de limão. Nem tôdas as formas podem ser postas em pé. Por natureza das cousas apareceu a necessidade de tornar mais cómodo o aproveitamento destas vasilhas. Daí se originaram várias soluções para se poder pôr a vasilha em pé, tapar bem o orifício, manejar e dependurar. Para êste fim o homem serve-se da técnica de encestamento e encordoamento. De material servem o couro, as fibras vegetais e animais.

A ORNAMENTAÇÃO. — Um comum processo utilitário constitui origem da ornamentação. A ornamentação de cabaças aparece já na aurora da cultura humana e dura até aos dias presentes em tôda a enorme região de difusão e utilização desta planta. Mencionemos as diversas técnicas de ornamentação.

A PINTURA. — Pelo uso freqüente, a cabaça ganha uma particular pátina. Fica mais escura e luzidia. Da côr amarela passa ao chocolate claro. As cabaças novas, friccionadas com gordura, recebem um brilho semelhante. A superfície da cabaça deixa-se tingir fácilmente com várias matérias corantes naturais e também com ácidos.

O BATIK. — Ligada com a pintura está a técnica do *batik*, empregada principalmente na Oceânia, nas ilhas Hawai. O ornamento é desenhado com cera ou outra matéria protectora. Depois de submergir a cabaça na tinta, a cera é removida, deixando um desenho claro nos lugares não tingidos.

A GRAVURA. — Um traço claro na superfície da cabaça torna-se o ponto de partida para uma ornamentação lineal muito típica. Êle é o início duma nova técnica de ornamentação. O traço claro cresce em seguida em mais largos planos raspados, abrindo novas possibilidades de ornamentação em côres e diferenças de nível. Por sua vez, o afundamento de planos raspados leva aos trabalhos *a jour*.

A GRAVURA A FOGO. — Um traço, friccionado com tinta, distingue-se mais nítido no fundo claro da vasilha. Feito com a ponta da faca em braza dá uma linha escura e duradoura. A ornamentação com a gravura a fogo é muito conhecida.

A INCRUSTAÇÃO. — Umas finas lâminas de metal, chumbo, prata e outros, embutidas dentro dum traço fundo fornecem um novo tipo de ornamentação largamente difundido na Ásia central, Turquestão e Cáucaso: A incrustação com madreperola existe, entre outras, na América entre os Maticos, em Gran Chaco.

ENCORDOAMENTO. — O modo mais simples de prender é atar a cabaça dos peregrinos com uma corda na parte mais apertada. Um modo também geral é ligar a argola de corda do meio, com a entrada da base por intermédio de cordas laterais. Às vezes usa-se a combinação destas duas argolas com a do meio, colocada na parte mais bojuda da cabaça. Muito generalizado é o modo de fechar a cabaça dentro duma rêde regular. Nesta rêde, perto do pescoço, está presa uma corda, que serve para dependurar a vasilha, e outra para segurar a tampa, para que não se perca. Tôdas estas partes suplementares, a rêde envolvente, de corda de fibras vegetais ou de couro, presilha ou alça trançada, a argola da base e a tampa trançada ou esculpida em madeira, sendo resultados da necessidade natural, em busca da forma mais

conveniente e mais prática, tornam-se a causa de reaparecimento da ornamentação.

**MOTIVOS DE ORNAMENTAÇÃO.** — Quando analisamos os motivos de ornamentação nas cabaças, executados com as mais variadas técnicas, sendo entalhados, raspados, gravados a fogo, tingidos a *batik*, pintados e incrustados, chama a nossa atenção o carácter comum da sua origem. O ponto de partida é a imitação do encordoamento.

As particulares componentes do processo técnico do encordoamento, os nós, as malhas da rede e as suas combinações rítmicas na superfície da vasilha, tornam-se depois, na técnica que os imita, motivos independentes. Podemos seguir em vários centros do mundo as modificações que aparecem nessa imitação em ornamento e também veremos como ficam independentes da sua primitiva significação. Todos estes motivos encontramos depois em vasilhas de argila, de madeira e de metal, que conservaram a forma de cabaça.

A análise de motivos primitivos de ornamentação na técnica de aplicação prática, até às livres combinações artísticas na superfície de vasilha de barro ou de metal, mostra as mesmas lentas e conseqüentes transformações, que vemos em tôdas as outras técnicas sem distinção de material.

A influência de forma da vasilha de cabaça exerce-se sobre as vasilhas de argila, madeira e metal. As vasilhas naturais de cabaça possuem certos caracteres particulares. O fundo delas é hemisférico, oval ou em forma de limão, mais raramente em forma de pêra, o que, na maior parte dos casos, torna impossível pôr estas vasilhas firmes, em pé. A cabaça dos peregrinos possui a parte do meio apertada dum modo característico.

Analisando as formas de primitivas vasilhas de barro em todos os centros mais antigos de aparecimento da cabaça, por

tôda a parte, sem excepção, encontramos as particularidades de formas acima mencionadas de vasilhas de cabaça. Isto são *reliquats* não justificados pelas propriedades do novo material. Dêste modo das formas de cabaça, sem dúvida, derivaram as mais antigas obras de cerâmica do velho Egipto, Grécia, Mesopotamia, China, Perú, México e outros. A influência da forma de cabaça sobre as formas de vasilhas pre-históricas foi já várias vezes registada na ciência. Notáveis formas de cabaça possui também a cerâmica contemporânea da Europa da região mediterrânea, de tôda a região da África, América, sul da Ásia e Oceânia.

Em muitas das regiões citadas aparece contemporaneamente o uso de vasilhas de cabaça e de barro. Como já disse, a maior parte de motivos de ornamentação da cerâmica primitiva está ligada com os motivos da cabaça, provenientes principalmente do encordoamento.

**OS INSTRUMENTOS DE MÚSICA, DE CABAÇA.** — A cabaça teve um papel importante na origem e desenvolvimento duma porção de instrumentos de música.

**IDIOFONES.** — O mais simples instrumento de música de cabaça é o chocalho, cheio de sementes. Encontrámo-lo entre quasi todos os povos primitivos. A cabaça está presa em uma vara, que passa pelo eixo principal, e uma ponta da vara forma o cabo. O som é produzido pelas sementes ou pelas pedras postas dentro. Na casca fazem-se pequenos furos ou estreitas e compridas frestas. As dimensões de cabaça são 10 a 30 centímetros.

Estes chocalhos são muito generalizados na América e são usados nas danças rituais e pelos médicos-feiticeiros. Os chocalhos de mais simples construção são conhecidos no sul da África, na Nova Guiné e, como brinquedo de crianças, no sul da Ásia e

em tóda a Europa. No sul da África usam-se para a dança os chocalhos, que se amarram aos pés. No Camerun usam os chocalhos compostos de seis cabaças grandes, de comprimento de cerca de 120 centímetros. No Bammana Oriental, nas festas de circuncisão, usam-nos feitas de rodela cortada de cabaça. Enfiam-nas viradas umas contra as outras, em número de mais de dez, numa vara arqueada. As vezes a uma das rodela superiores estão presas umas varinhas de junco. Em Lagoue, na África oriental, usam as partes da casca de cabaça como espantalhos para pássaros. Aos pedaços de casca prendem-se para êste fim umas bolinhas de barro suspensas a uns cordéis. Olhando vários conhecidos instrumentos, feitos de cabaça, chegamos à conclusão de que nêles foram exploradas tôdas as possibilidades de aplicação da cabaça, como ressoador.

Vamos citar, embora levemente, os mais importantes instrumentos da cabaça. Uma estreita tabuinha de madeira dura, suspensa, solta, por cima dum orifício na casca, forma o instrumento chamado *mbira* em Babissa, e *balengue* na África. Uma combinação de vários dêstes instrumentos, com a tabuinha progressivamente de maior tamanho, numa base comum, deu a origem à *marimba* africana. A *marimba* possui mais centros de distribuição na África. Falta em Madagascar. Um instrumento parecido somente, sem os ressoadores de cabaça e tendo em lugar de tabuinhas de madeira umas lâminas de metal, está em uso na Índia e arquipélago de Sonda.

Ao mesmo grupo de instrumentos pertence a *sansa*. Por cima dum ressoador de cabaça pousa uma tabuinha com uma fileira de linguetas de madeira ou metal. Elas estão presas só numa extremidade. A *sansa* é geral no Zambeze, Congo e baixo Niger.

MEMBRANOFONES. — Tapando com um couro esticado um largo orifício da cabaça-garrafa, faz-se o tambor. O esticamento

do couro obtem-se por meio de encordoamento. Existem vários modos de tal encordoamento, próprios de certos territórios. Estes tambores são conhecidos na África e Ásia e chegam a ter tamanho considerável. Os tambores de Alfaire na África chegam a 60 centímetros de diâmetro e 40 de altura. Com tempo a casca da cabaça é modelada em madeira, argila ou metal. Passando pelo centro do couro dum dêstes tambores um cordel com um nó na ponta, obtemos um instrumento, chamado na Espanha *zambomba*. Passando a mão pela corda, provocamos uns sons característicos. Êste instrumento é conhecido no Indústão, na África e na costa do Mediterrâneo, na Europa.

De cabaça é feito também um outro instrumento conhecido na Índia sob o nome *gopiyantra*. Êle é feito dum canudo de bambu, rachado em forquilha e enfiado por cima duma vasilha de cabaça. Pelo centro do fundo da cabaça passa uma corda, que está presa a uma argola na ponta superior de bambu. Ê o instrumento de mendigos errantes.

CORDOFONES. — Com a cabaça está ligada à história de quasi todos os cordofones primitivos.

O ressoador de cabaça está ligado com todos os modos de prender e esticar a corda. Seja o arco ou uma vara direita, ou em forma de tabuinha com os suportes para as cordas nas extremidades, com um ou dois cavaletes no meio, carregando uma ou mais cordas, um canudo de bambu com as cordas de fibra natural do mesmo, ou com a corda passando paralela à vara rachada e presa no fundo da casca. A cabaça tem aplicação junto ao arco musical originando de tal modo a forma aperfeiçoada dêste. Difunde-se assim principalmente na África, na região do Cabo da Boa Esperança, até ao limite sul do Sahara, também no Brasil, na América do Sul, e na do Norte entre os povos Sonorosos. A mais simples cabaça é cortada em forma de sino e presa numa

das extremidades do arco. A presilha da cabaça pode estar em contacto também com a corda por intermédio dum laço, como tem lugar entre os Cafres, ou a corda pode passar pelo couro, que tapa o orifício da cabaça. Quando se toca, a cabaça-ressoador está encostada com a abertura ao corpo do músico, ao peito ou ao ventre, aumentando a fôrça dos sons da corda, que doutra forma se ouvem mal. Os modos de prender a cabaça ao arco são diversos. Minuciosamente fala sôbre isto Ankermann na sua obra «*Die Afrikanischen Musikinstrumente*».

Na cítara, feita de vara, *zeze* da África Oriental, e na *lo-canga* no Madagascar, a cabaça fica presa com a parte mais estreita a uma vara direita, que neste instrumento substitui o arco. O orifício da cabaça aqui está aberto e virado para baixo. A *zeze*, com tôda a probabilidade, foi trazida à África da Índia, via Madagascar. Até hoje, este instrumento, com o nome de *vina*, é um dos instrumentos predilectos da Índia. A *zeze* de Bengala possui dois ressoadores de cabaça e é tôda caprichosamente esculpida. A *kin-nari* do Madras tem três ressoadores e, às vezes, até quatro. *Zeze* africana tem só um ressoador e é de construção mais simples.

Um instrumento, quási da mesma construção que o *zeze*, é usado na Cambodja, nas ilhas pequenas de Sonda, na Sumbava, Flores e Sumba, no Celebes e nas Filipinas.

O apogeu do desenvolvimento é a grande *mahati vina*, do norte da Índia, com cinco cordas, com grandes ressoadores de cabaça. Numa outra forma de uso da cabaça como ressoador a vara passa por dentro da cabaça. O orifício da cabaça é tapado com couro e está virado contra a corda. Isto é o alaúde, o protótipo de todos os cordofones do tipo da rabeca. Mais novo que esta, o alaúde com o pescoço, é oriundo da Pérsia.

O ressoador de cabaça nos alaúdes da Índia, tendo às vezes 40 centímetros de diâmetro, possui habitualmente um suporte para

as cordas de madeira leve. Este suporte forma uma peça só com o pescoço de instrumento. O lugar, onde ligam a casca da cabaça, partida ao meio, com o pescoço de madeira, tem umas folhagens, esculpidas na mesma madeira, disfarçando esta ligação. A forma do alaúde mais freqüentemente encontrada, usada nos arredores de Calcutá, é a *kachapi-vina*, com o ressoador da cabaça-garrafa, cortada pelo eixo vertical, com a base mais larga virada para baixo. Mais raramente encontra-se o tipo *sarangui*, cujo ressoador de cabaça está virado com o pescoço para baixo. Existem alaúdes com o ressoador circular. Para este fim é usada a base duma grande cabaça, cortada horizontalmente. Este tipo chama-se *gruti-vina*. O seu ressoador possui no avêso uma cavidade central em forma de pera.

O mais típico instrumento é a *bipanchivina*, com o ressoador duma metade de cabaça dos peregrinos, cortada pelo eixo vertical. O característico estreitamento no meio das rabecas europeias é o *reliquat* da forma do ressoador feito de cabaça dos peregrinos.

Todos os alaúdes de cabaça do Industão, são feitos também inteiramente de madeira. Eles imitam exactamente a forma e a côr do primitivo ressoador de cabaça.

É preciso mencionar, que na Ásia, particularmente na China e Japão, independente da cabaça, aparece um instrumento parecido, com o ressoador feito de caule de bambu, e, nalgumas partes da costa oceânica, de casca do coco.

O ressoador de cabaça foi empregado para a construção da harpa de arco, comum numa faixa estreita na África equatorial, da costa ocidental até Vitória-Niansa, e também no sul da Ásia oriental, em Birma. Presentemente, em tôda a grande região entre estes dois centros a harpa desapareceu por completo. Existem, porém, documentos, que provam a existência da harpa no norte da África, no Egito, nas costas do Mediterrâneo, na Grécia e Es-

panha mourisca e na Ásia, na Assíria e Pérsia, no Industão, no Turquestão, no Japão e na Corêa. Bem conhecidas são as reproduções de harpa nos baixos relevos das paredes dos templos antigos da Índia. As harpas africanas e da Índia, na opinião do Sachs, deduzem-se dum simples arco ligado com um ressoador de cabaça. As harpas de Birmânia pertencem ao tipo de antigo *heteo*. Lembrem os exemplares de harpas reproduzidas nos monumentos egípcios da IV dinastia, terceiro milénio antes de Jesus Cristo.

Na harpa egípcia o pescoço está desviado do corpo do instrumento, a ponto de prender as cordas e uma peça à parte. Na Birma é também o suporte para as cordas, escondido no corpo de instrumento. No Egito, as mais antigas harpas teem os tornos para esticar as cordas. Na Birma, é geral e exclusivamente usado o mais antigo esticamento com o cordel. Aqui dão-se, sem dúvida, algumas relações mútuas. Confirmam isto também os dados lingüísticos.

A harpa do mesmo tipo, no Industão, chama-se em sanscrito *vīnū*, em indu *bīn*. Assim também o nome da harpa dos faraós no antigo egípcio é *bjnt*, *bin*, e em tebano-copto *vini*. A lira com o ressoador de cabaça aparece na região de nordeste africano desde o sul do Egito até Vitória-Niansa, na Abissínia, Somali. As cordas em número de 5 a 10 estão presas a um suporte composto de três varas, que passam pelo couro do ressoador e estão fincadas na cabaça. A lira foi trazida para o Egito no décimo sétimo século antes de Jesus Cristo, sendo então bem mais tarde do que a harpa. Numa pintura na parede do sepulcro de Beni-Hassan temos pela primeira vez reproduzida a lira, carregada por um semita, como tributo de guerra. Durante 35 séculos, como afirma Ankermann, ela não se propagou além do Vitória-Niansa. Dos antigos cordofones do velho Egito, da harpa, lira e alaúde, não se conservou no Egito nem sinal. Foram substituídos por outros instrumentos trazidos pelas novas invasões.

Não desapareceram, porém, completamente. O seu centro da difusão na África somente se mudou para o sul. Hoje ainda os Waganda, Niam-Niam e outras tribus, constroem as suas harpas do mesmo modo, como fariam os antigos Egípcios.

AEROFONES.—A cabaça-maça e a cabaça-garrafa, abertas em ambas as extremidades, são usadas para fazer trompas, em tôdas as partes do mundo. Às vezes, para obter maior comprimento de trompa, ligam a cabaça a um canudo de bambu. Um grupo à parte entre os instrumentos de cabaça é formado pelas flautas esferoidais, de pequenas cabaças de poucos centímetros, descritas por Struck na bacia do Congo. Entre os Bantu são usadas pequenas cabaças, com alguns furos circulares, dos quais um serve para soprar e outros para as modificações de tom. Na costa ocidental da região Baluba usam-se pequenas cabaças como ocarinas. Estas pequenas cabaças, redondas, de 3 a 7 centímetros, com alguns furos, chamam-se *ipili* entre os Wasongola, *campolongo* entre os Warega e *kaengere* entre os Malinga. Frobenius menciona as cabaças esféricas dos Batetela, chamadas *tchiunque*, que teem cinco furos, dos quais quatro são feitos simetricamente, em pares. Schweinfurth viu entre os Mittu as cabaças alongadas com a abertura sonora feita no pescoço, e pequeno furo para soprar na metade da parte mais grossa da cabaça.

Um instrumento parecido, dos Azande, era feito de cabaça de meio metro de comprimento e tinha o furo para soprar na parte mais estreita da cabaça. Oito a dez destes instrumentos, convenientemente combinados, formavam uma orquestra.

Livingstone menciona uma orquestra semelhante, de ocarinas de cabaça, no Manyema do norte. Struck afirma, que as formas com um ou com quatro furos para as variações de tom igualmente pertencem à cultura africana ocidental.

Os primeiros são, propriamente, os instrumentos para sinais;

quanto aos segundos, são verdadeiros instrumentos de cinco tons. Presentemente as mesmas ocarinas esféricas são feitas de barro pelos Bangala e Lulonga. Iguais instrumentos de música em forma de cabaça ou de pirâmide, como brinquedos de crianças, são conhecidos no Turquestão ocidental. Semelhante instrumento de barro é o *hsuan*, chinês, conhecido já 400 anos antes de Jesus Cristo. Igualmente neste grupo precisamos contar os exemplares antigos e modernos dos Peruanos, contemporâneos dos Caraya e Cayapo, como também os exemplares da Melanésia de Hawaï. Derivados da cabaça são os brinquedos de barro, apitos em forma de passarinhos, cavalinhos e outros comuns hoje em toda a Europa.

Dêste modo a cabaça deu origem a um grupo novo de instrumentos de música, dos quais, uns persistiram como brinquedos de crianças, mudaram de material e forma, outros conservaram a forma primitiva, principalmente na África, ou, como as ocarinas de argila e de metal, espalharam-se por todo o mundo.

Não menos importante papel teve a cabaça na origem e desenvolvimento de outros tipos de aerofones. No sul da Ásia foi aplicada ao clarinete, como câmara de vento. Mostrou-se sem dúvida mais apropriada do que o canudo de bambu ou um chifre. Do centro da sua origem, o Indostão, êste clarinete espalhou-se ao longo das costas do Mediterrâneo e do Atlântico e conservou-se até hoje, com a câmara de vento de chifre, na Grã-Bretanha, Gales, como *pipe corn*, *horn pipe*, e entre os Bascos como *alboquea*.

O clarinete duplo com a câmara de vento de cabaça generalizou-se em todo o Indostão, de Pendjab até Ceilão. É conhecido como instrumento dos encantadores de serpentes. A construção dêste instrumento é muito simples e engenhosa. Dois canudos de bambu duns quinze centímetros de comprimento, colados ou amarrados juntos, teem numa das suas extremidades, metidos dentro,

os canudinhos finos com a lingüeta típica do clarinete. Com esta extremidade são metidos dentro da base duma cabaça-garrafa e ficam bem colados com cera ou resina. O tocador chega à bôca o gargalo da cabaça e, soprando para dentro, muda os dedos nos furos do clarinete. O canudo direito tem sete furos. Nêle toca-se a melodia. O canudo esquerdo tem todos os furos, com excepção dum, tapados com cera. Produz um tom contínuo, baixo. Um passo mais no aperfeiçoamento dêste instrumento é a gaita de foles. Por meio da pressão do fole pode-se obter na gaita a corrente de ar e desta maneira substituir o fatigante trabalho da bôca. A gaita de foles, provàvelmente, teve origem na Índia. Presentemente a gaita de Birma é a única representante de instrumentos, tipo de clarinete na Indochina. O vale do Bramaputra, é dado por Sachs, como limite dum tipo diferente de aerofone com a lingüeta vibrando livre. Notável é a falta de semelhantes instrumentos no Indostão, onde reina exclusivamente o tipo de clarinete. À primeira vista, êste novo instrumento, generalizado principalmente na Indochina, não difere de instrumento usado para chamar as serpentes. A diferença consiste só na construção da lingüeta. A forma típica dele é a flauta, com a lingüeta vibrante fechada com a sua parte superior dentro duma câmara de vento, feita de cabaça. Existem instrumentos, onde em vez duma flauta há duas ou três. Dêste tipo deriva um singular instrumento, largamente conhecido sob o nome de *seng*, a gaita de bôca. Trouxe esta à Europa a lingüeta vibrante, que se tornou a base principal das gaitas de bôca e sanfonas. A pátria dêste instrumento é o norte da Indochina, Chitagong, Laos, Cambodja. Aparece também em Borneo, China e Japão.

A construção do *seng* consiste na introdução dentro da cabaça-garrafa, com um alongado, de costume curvo pescoço, dalguns, até mais de dez, canudos de bambu, com as lingüetas vibrantes. Os canudos teem diferentes comprimentos, o que fixa o

tom dêles. Imediatamente acima do encastoamento na cabaça, cada canudo tem um pequeno orifício. Fechando o orifício com o dedo obtemos o tom próprio. Num moderno tipo dêste instrumento, aparecido em Laos, os canudos chegam a dois metros de comprimento. A câmara de vento de cabaça é ali, às vezes, substituída pela câmara feita de madeira, conservando, porém, a forma de cabaça. Na gaita de bôca chinesa e japonesa a cabaça foi substituída igualmente pela câmara de madeira e, nos exemplares mais modernos, até de metal em forma de cabaça.

No grupo de aerofones é preciso contar também com uma simples flauta de assobio, instrumento usado no Brasil, no Paraguaya. Uma cabaça de 6 centímetros de diâmetro, com um furo de lado, está presa a um cordel de metro. Pondo-a em movimento centrífugo, obtemos um efeito sonóro, lembrando o efeito da *churinga* australiana.

O VESTUÁRIO. — A cabaça, às vezes, usa-se como uma parte de vestuário. Na Nova Guiné, na Melanésia e na África do Sul, servem-se da cabaça como de bainha para o pénis. Na África oriental, em Mahengue, fazem dela uma cobertura de cabeça, espécie dum capacete, e ornam-na com missanga e penas. Em Wawinsa usam, como ornamento de cabeça, um boné de filó com os chifres de cabaça.

AS MÁSCARAS. — As máscaras de cabaça fabricam-se nas ilhas Hawaii. Esta máscara cobre tôda a cabeça e tem um furo comum para os olhos e o nariz. O bôrdo de baixo está ornado com uma franja de pausinhos, e o vértice com penas de cores. Na Indonésia a tribu An Asan fabrica as máscaras de cabaça com a forma de crânio humano. Na América do Sul os Huitschol fazem as máscaras duma parte da casca de cabaça. Servem para ocultar o rosto. No norte de Guatemala os índios servem-se para as danças

rituais de máscaras, feitas de cabaça, com ornamento reproduzindo a tatuagem. No México o povo Cora para a festa de primavera usa as máscaras em forma de cabeça de porco.

AS URNAS COM CARA HUMANA. — A forma da cabaça dos peregrinos chama a atenção pela sua semelhança com uma pessoa. Lembra a cabeça posta em cima dum tronco. Marcados com uns traços os olhos, o nariz e a bôca aumenta esta impressão. Em muitos países são conhecidas, como brinquedo de crianças, estas bonecas, feitas de cabaça. Antigamente não eram somente brinquedo de crianças. Na cerâmica pre-histórica de todo o mundo existem urnas com caras humanas que, sem dúvida, possuem a forma de vasilhas de cabaça e deverão ligar-se a estas vasilhas de cabaça. A forma e destino delas estão em relação com a crença da vida além túmulo. Conhecemos-las de túmulos precolombinos do México, Honduras, Perú, Colômbia, Equador, Chile e Argentina. Na África conhecem-se do antigo Egito e actualmente no Camarão e Congo. Aparecem também na Nova Guiné e muitos outros centros de cultura do velho mundo. Esplêndidos exemplares destas urnas com reprodução do apêndice superior do cabinho da cabaça, são as obras de cerâmica achadas em Troia, do segundo e terceiro período.

Ao mesmo grupo pertencem as urnas do primeiro período do ferro de Billendorf e as urnas da cultura de Lusyce.

O USO RITUAL DA CABAÇA. — Além de aplicação na vida quotidiana a significação da cabaça penetra no fundo espiritual dos povos primitivos. Na região africana serve para fabrico de feitiços, amuletos, meios mágicos de protecção contra os maus espíritos, doenças, incêndios, defende as mulheres grávidas do mau olhar, etc. Estes amuletos de cabaças enchem-se de matérias singulares e ornam-se com vários objectos dêles pendurados. Pro-

fundamente entranhada na mente humana a fé numa outra vida e em migrações de almas, achou a sua expressão em urnas com cara humana derivadas de cabaça, difundindo-se em todo o mundo.

A crença no poder mágico do efeito dos ritos celebrados lembram ao homem a ideia de fabricar de cabaça a máscara ritual. É preciso lembrar, que os instrumentos de música, na história de cujo desenvolvimento a cabaça teve papel tão importante, não serviam e não servem somente para tornar ao homem primitivo a vida mais agradável. O som dêles possui o poder de criar relações com o mundo dos espíritos. Por isso o fabrico e uso dos tais instrumentos é cercado dum cerimonial singular. Transgredir ou desviar dos costumes ligados com êle, significaria tanto, como anular o poder do processo ou causar a ira dos espíritos.

Entre os negros africanos a cabaça tem um papel importante nos contos e nas lendas, e o defunto leva para o caminho do outro mundo uma cabaça, como um objecto indispensável.

EPÍLOGO. — Resumindo tudo acima dito, vemos, que a *Lagenaria vulgaris* teve um papel muito importante na vida. Em primeiro lugar tiveram nisto influência as suas propriedades naturais. Esta planta não precisa de nenhuma cultura e não exige nenhuns cuidados. Lançada no solo a semente, tendo adequadas a temperatura e a humidade, e a terra não sendo das piores, desenvolve-se e produz os frutos. A fruta madura, depois de convenientemente preparada e sêca, fornece as vasilhas naturais de várias formas e tamanhos.

A capacidade criadora do homem, em contacto com o fruto da cabaceira em tôdas as aplicações da sua casca, limitou-se a observações e conveniente aproveitamento das suas propriedades. Estas propriedades eram muitas: a grande dureza da casca, a fôrça e rigidez dela, a impermeabilidade, a má condução do calor,

a leveza, a facilidade com que se deixa trabalhar com as ferramentas duras, a multidão e a variedade de formas, a larga escala de tamanhos e capacidades; enfim, a plasticidade da casca no período de desenvolvimento.

Cada uma destas propriedades teve uma larga aplicação, causando no contacto com a vida prática a conveniente exploração ou aperfeiçoamento. A cabaça, como um produto natural de utilização imediata, de grande utilidade, penetrou muito fundo na vida do homem primitivo e encontrou nela uma muito larga aplicação. A análise de tudo isto, como também o conhecimento dos centros de origem e do alcance da difusão dos efeitos particulares da aplicação cultural da cabaça, são em alto grau instrutivos.

Convençamos-nos de que os novos trilhos da cultura não surgem de repente, casualmente, sem um plano. Antes de tudo são o resultado de muitas causas e, em primeiro lugar, são a expressão de necessidades da vida. A sua dinâmica está condicionada pela dilatação das necessidades vitais de cada grupo particular de homens. Desenvolve-se nos limites das condições naturais do meio geográfico, que marca as fronteiras de actuais possibilidades.

O homem aproveitava já nos primeiros momentos da origem da cultura os benefícios desta planta. As vasilhas de cabaça foram os seus primeiros utensílios. Conheceu-as, sem dúvida, o representante das culturas básicas: da tasmaniana, australiana, totemística, de duas classes, milhares de anos antes do aparecimento da arte cerâmica, na cultura melanésica do arco. Desta data até o dia de hoje o homem nas suas obras cerâmicas reproduz as elementares e naturais formas da cabaça.

A análise monográfica das relações culturais da cabaça abre-nos um quadro esplêndido da cooperação de povos de quási todo o mundo. Temos ocasião de confirmar indubitavelmente, que as ideias elementares (*Elementargedanken* de Bastian) tem a sua actual importância vital.

Ao mesmo tempo podemos seguir as migrações dos efeitos particulares da cultura por todos os possíveis caminhos de penetração. A iniciativa criadora do homem exprime-se na necessidade de perpétuo aperfeiçoamento das suas obras, e na sua realização serve-se de uma capa de beleza. A arte dos povos de tãda a grande região do aparecimento da cabaça acha um rico, adaptável e multiforme material nesta esplêndida dádiva de Deus, que é o fruto da *Lagenaria vulgaris*.

---